

**«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»**

*Roberto Caneira*

(Técnico superior de História) – [patrimoniocultural@cm-salvaterrademagos.pt](mailto:patrimoniocultural@cm-salvaterrademagos.pt)

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»

## 1 | Introdução

As sortes eram uma espécie de ritual de passagem feita só com elementos do sexo masculino, onde se festejava a “despedida” da idade de “rapazola” para ingressar no mundo dos Homens com responsabilidades. Trata-se de uma cerimónia festiva que os rapazes da Glória do Ribatejo, nascidos no mesmo ano, faziam quando tinham dezoito anos e iam à inspecção médica para fins militares.

Ao longo de vários anos estes festejos fizeram parte da memória social da Glória do Ribatejo, eram evocados e ritualizados porque cada ano que passava, um novo grupo de rapazes celebrava as sortes.

O nosso objecto de estudo para além de descrever os cerimoniais das sortes, analisa também alguns aspectos históricos e etnográficos do serviço militar, e a relação com a comunidade da Glória do Ribatejo.

O espaço temporal do nosso estudo abrange da década de 60 até ao ano de 1993. As razões da escolha deste período prendem-se com a necessidade de analisar as sortes antes e depois da guerra colonial, o período depois do 25 de Abril de 1974 e o ano de 1993, por ser o ano das sortes do signatário do presente trabalho.

A partir do início do séc. XXI (2004) com o fim do Serviço Militar Obrigatório, terminaram as inspecções médicas e finalizaram também as festas das sortes, interrompendo esta celebração secular na Glória do Ribatejo.

## 2 | A Glória do Ribatejo e a isenção militar

A Glória do Ribatejo desde a Idade Média possuía o privilégio de ser um local onde os Homens estavam isentos de serviço militar. Este privilégio não era inédito nas povoações medievais, esta isenção procurava fixar elementos de população em locais ermos, e proporcionar-lhes desenvolvimento humano. Segundo a tradição popular havia uma lápide com a inscrição da isenção militar aos povoadores da Glória do Ribatejo, a mesma estava afixada numa parede da igreja, e que desapareceu quando o primeiro gloriano foi convocado a prestar serviço militar ao Rei.

Não havendo provas materiais desta lápide, temos que recorrer aos escritos de Alves Redol, que conseguiu deslindar que esta dispensa militar se manteve desde o séc. XIV até meados do séc. XIX e quem foi o primeiro Homem gloriano a ser mobilizado:

*«contam os velhos, nas suas recordações da mocidade que na igreja havia uma pedra onde tal ordem se gravava e que dali levaram não sabem para onde. Foi há sessenta anos que de lá saiu o primeiro homem para servir o Rei e envergar fardeta - Francisco António Pereira Caneira, se chamava. E desde de então, durante o tempo em que os regulamentos fixam, os moços sadios da Glória trocam o contacto produtivo do rabo da charrua, da foice e do pampilho pela coronha dura da espingarda».*

<sup>1</sup> Alves Redol, Glória, uma aldeia do Ribatejo, 3.ª Edição, Lisboa, Caminho, 2004, pp. 44-45.

Margarida Ribeiro no seu estudo dedicado à Glória do Ribatejo conseguiu identificar a data do primeiro homem que foi à tropa:

*«pronuncia-se com excepcional admiração, o nome do “Tio” Francisco Pereira Caneira, o primeiro homem que em 1822 “foi sorteado” = assentou praça e deixou a Glória para servir na tropa».*<sup>2</sup>

A partir desta data é provável que tenha surgido este ritual das sortes:

*«Durante muitos anos, os homens da Glória estiveram isentos de serviço militar. Há perto de oitenta anos deixaram de usufruir deste privilégio. Desde então o dia das sortes é motivo para festa na aldeia.»*<sup>3</sup>

### 3 | Aspetos etnográficos e antropológicos do serviço militar na Glória do Ribatejo

O serviço militar estava envolvido num conjunto de cerimónias, que são antropológicamente interessantes de narrar. Quando o homem era convocado para o serviço militar, a mulher fazia-lhe um saco onde levava os seus haveres:

*«E chega o momento de ele ir à tropa. Parte com o seu saco grande de ramagens, desolado e abatido - recordações aos rolheiros a tornarem mais penosa aquela ida à cidade que o subverte e onde não vive.»*<sup>4</sup>

O homem quando prestava serviço militar, verificava-se uma alteração da indumentária da mulher gloriana, as mães, noivas ou namoradas usavam uma roupa mais escura, simbolizando uma espécie de pré-luto pelo facto do seu companheiro não estar próximo delas, ir a bailes ou divertimentos era algo que estava fora de questão:

*«Ela abandona atavios, e o casaco, o avental e o lenço de cores claras, que lhe vão tão bem ao tostado do rosto. Veste de triste, quase sempre de roxo, e traz nos modos o ar trágico daquela primeira viuvez.*

*Festas e bailes nunca mais! (...)*

<sup>2</sup> Margarida Ribeiro, Estudos sobre Glória do Ribatejo, s.l., Edição da Associação para a Defesa do Património Etnográfico e Cultural da Glória do Ribatejo, 2001, p. 66

<sup>3</sup> Idalina Serrão Garcia, “O Falar da Glória do Ribatejo”, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém, 1979, p. 149

<sup>4</sup> Alves Redol, Op. Cit, p. 105

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»

Fica de longe a ver as outras folgarem, isolada, não vá tentar-se com os rodopios da dança; a pensar talvez que bem podiam escusá-la àquela exigência, quando o rapaz lá pela cidade, na fardeta desajeitada, dirá a qualquer outra coisas que só ela ouvirá e até sabia de cor.

*Se ele tem licença para vir à terra, logo ela enverga o seu casaco rosa enfeitado a vermelho e preto, o avental de azul almeirão, o lenço branco de ramagens e espera-o à porta, radiante, toda ela sorrisos, compondo-se ao espelho e revendo-se (...).»<sup>5</sup>*

Esta tradição de vestirem um traje mais escuro manteve-se até à guerra colonial, conforme é visível na fotografia (**ver fotos 5 e 6 em anexo**). Só a partir de 1974 é que muitos destes costumes relativos ao serviço militar vão desaparecer.

## 4 | A festa das sortes

Os rapazes da Glória do Ribatejo nascidos no mesmo ano quando completavam dezoito anos reuniam-se uma semana antes da inspecção médica para fins militares, que se realizava em Salvaterra de Magos (sede de Concelho) para celebrar as sortes.

Durante uma semana estes rapazes entregavam-se à ociosidade, não trabalhavam e alugavam uma casa para fazerem pequenos bailes. Contratavam um acordeonista que os acompanhava para todo o lado durante estes festejos.

Sempre juntos os rapazes percorrem as ruas da aldeia, entrando ainda em todas as tabernas, para beber vinho, cantando o seu hino “a cantiga da idade”<sup>6</sup>:

*“Dá-me um beijo, moreninha,  
Um beijo não custa a dar.  
O beijo de uma morena,  
É custoso d’alcançar!”*

As sortes promoviam uma amizade institucionalizada quase sempre para toda a vida, desenvolvendo solidariedade entre o grupo. Os elementos deste grupo ficavam ligados tradicionalmente por uma forte analogia de sentimentos de pertença, cuja coesão grupal era o factor idade.

<sup>5</sup> Alves Redol, Op.Cit., p. 105

<sup>6</sup> A cantiga da idade era uma espécie de hino que cada grupo de rapazes das sortes elaborava. Esta cantiga foi a dos rapazes das sortes de 1967 e foi-nos cantada pelo Sr. Manuel José Caneira (entrevista a 20-06-2016)

Chegado o dia da inspecção militar, os rapazes estreavam um fato novo e iam em grupo até Salvaterra de Magos, sempre acompanhados pelo acordeonista:

*«para irem a inspecção a Salvaterra de Magos, os rapazes estreiam fato completo; a camisa, gravata, meias e lenços são oferecidos pelas namoradas que ainda dão cinquenta ou cem escudos conforme as posses. Até há pouco tempo estreavam dois fatos, um de fazenda, outro de cotim, dois anéis e corrente. Vão para Salvaterra na camioneta a cantar e a tocar concertina.»<sup>7</sup>*

Submetidos à inspecção médica perante a Junta Médica, os mancebos considerados aptos ou não aptos prestavam juramento de fidelidade à Pátria. Como resultado da inspecção médica surgia uma hierarquização dos membros do grupo em: apurados, livres e esperados.

Como sinais visíveis de diferenciação grupal os rapazes compravam fitas que colocavam na lapela do casaco ou no braço esquerdo cujas cores eram símbolos das “classificações” que tinham sido atribuídas:

*«No braço trazem fita vermelha os que ficaram “apurados”; fita branca “os livres”; fita azul, “os de espera”».<sup>8</sup>*

Nos desfiles pelas ruas após a inspecção os rapazes dispunham-se com as fitas vermelhas, brancas e azuis. Notava-se em alguns uma atitude menos ruidosa nos rapazes com as fitas brancas ou azuis.

A comunidade valorizava muito a “classificação” dos rapazes, o facto de ser apurado era entendido como um ponto de viragem em que se deixa de ser rapaz para se tornar homem. Algumas raparigas tinham até receio de namorar rapazes que tinham ficado livres, porque se não serviam para a tropa alguma coisa tinham.

A chegada à Glória do Ribatejo dos novos mancebos após a inspecção eram um grande motivo de festas para os pais e familiares:

*«À chegada deitam-se foguetes e em cortejo percorrem a aldeia com o “Tio Manel ceguinho” a tocar harmónico à frente.»<sup>9</sup>*

*Segue-se o almoço entre os rapazes e após esta refeição, verifica-se a ritualização dos festejos das sortes, na medida em que o rapaz mais velho do grupo das sortes entregava ao rapaz mais velho do próximo ano das sortes, um objecto que era um pequeno pau (verdasca).*

<sup>7</sup> Idalina Serrão Garcia, Op. Cit, p. 150

<sup>8</sup> Idem, p. 150

<sup>9</sup> Idem, p. 150

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»

A entrega deste objecto assume um papel de ritualização da memória colectiva que as sortes tinham nesta comunidade, dado que consagrava a continuidade das sortes.

«Após um almoço demorado, vêm ao encontro dos rapazes do sorteio do ano próximo. O mais velho entrega uma “verdasquinha” ao mais velho do novo sorteio, que fica responsável pela festa.»<sup>10</sup> (foto n.º 1 em anexo)

Nessa noite é o grande baile «dantes só os rapazes dançavam neste baile; agora são os rapazes e as namoradas. Nesta casa permanecem enquanto durar o arrendamento.»<sup>11</sup>

As sortes representavam para os rapazes, um ritual de passagem, chegou o momento em que os jovens atingem a sua maioridade, o momento em que deixam de ser moços e começam a sua vida de responsabilidades.

## 5 | As sortes ao longo dos tempos

A celebração das sortes manteve-se ao longo dos tempos como a festas dos “rapazes da mesma idade”, sofreram algumas alterações, mas no essencial os festejos conservaram sempre o mesmo espírito - a celebração e o espírito festivo da entrada dos rapazes na idade adulta.

No passado o grupo de rapazes antes de ir para a inspecção médica juntavam-se para irem tomar banho em conjunto num ribeiro<sup>12</sup>, este ritual estava possivelmente associado aos “banhos santos”<sup>13</sup> que ocorriam noutras localidades do país. Estes banhos tinham a função protectora contra doenças.

No período anterior à guerra colonial, todo aquele rapaz que não era apto para o serviço militar era alvo de troça por não ter as condições necessárias para ir à tropa. Contudo esta situação a partir de 1961, com o início da guerra colonial altera-se e aquele que ficasse livre era abençoado por não ter que participar numa guerra injusta e cruel que ceifou a vida a milhares de Portugueses.<sup>14</sup>

A partir desta data, era raro os jovens glorianos considerados inaptos para o serviço militar. A guerra colonial exigia um grande número de militares e quase todos mancebos eram mobilizados.

---

<sup>10</sup> *Idem*, p. 150

<sup>11</sup> *Idem*, p. 150

<sup>12</sup> O Sr, Manuel José Caneira confidenciou-nos que no seu ano das sortes esta prática já estava fora de uso, mas que no início da década de '60 ainda se faziam banhos colectivos como se evidencia na fotografia n.º 3 em anexo

<sup>13</sup> Cf Ernesto Veiga de Oliveira, *A romaria de São Bartolomeu do Mar*, In Festividades Cíclicas em Portugal, 2.ª Edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995, pp-239-249

<sup>14</sup> A propósito da guerra colonial, apenas 2 soldados glorianos perderam a vida: João Nunes e José Feijão

A partir de 1974 assistimos a alterações significativas nos festejos das sortes, mas que não desvirtuaram o significado e a essência das sortes. O acordeonista é substituído por bailes de grupos musicais (**ver foto 4 em anexo**), as festas começam a ser feitas na Casa do Povo e duram apenas dois dias: sexta-feira e sábado e perdeu-se o hábito da fita que identificava a condição do mancebo.

O local das inspecções médicas também mudou a partir desta data, inicialmente eram feitas em Coimbra e depois foram transferidas para Lisboa. Os rapazes eram obrigados a pernoitar uma noite nestes locais e aqui destaca-se uma outra iniciação: a sexualidade, muitos rapazes perderam a virgindade nestas inspecções militares, recorrendo ao “serviço” de prostitutas. O ciclo completa-se, agora são Homens adultos.

O ano das sortes de 1993 corresponde ao ano de nascimento dos rapazes que nasceram em 1974, e como já referimos do signatário deste trabalho.

A celebração das sortes destes mancebos de 1993 teve o mesmo significado e a ritualização das sortes anteriores. Depois da inspecção médica realizada em Coimbra, os mancebos reuniram-se na Casa do Povo, decoraram este espaço com ramagem de eucalipto, balões e outros adereços decorativos, contrataram dois grupos de bailes: um para a sexta-feira e outro para o sábado convidam pais e familiares para assistir e participar nestes festejos.

No sábado de manhã prestaram homenagem no cemitério aos rapazes e raparigas da mesma idade que já faleceram e entregaram-se neste fim-de-semana à ociosidade: comendo, bebendo e dançando, celebrando o ritual das suas sortes.

Ainda hoje os rapazes celebram a sua amizade e evocam a festividade das sortes nos convívios anuais que realizam, reclamando deste modo a memória colectiva daquilo que os uniu em 1993 - as sortes:

*«a memória colectiva engloba o conjunto de referências, valores e saberes, do foro intelectual ou prático, que um determinado grupo social possui em comum e de representações que partilha sobre si e sua trajectória.»<sup>15</sup>*

<sup>15</sup> Maria Isabel João, Memória, História e Educação, In Noroeste. Revista de História, n.º1, Universidade do Minho, 2005, p. 92

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»

## 6 | Conclusão

A cerimónia festiva das sortes na Glória do Ribatejo possuía a função de um ritual de passagem, reunia um grupo de rapazes que tinham nascido no mesmo ano para celebrar a inspecção médica para fins militares.

Esta festividade envolvia também a comunidade local que acompanhava e participava nos festejos dos rapazes, onde se destaca a continuidade deste rito aquando da entrega de um símbolo (uma verdasca) do rapaz mais velho da inspecção a um outro rapaz do ano seguinte das sortes.

A partir de 2004 com o fim da obrigatoriedade do serviço militar obrigatório terminou a celebração das sortes nesta comunidade. Esta festividade é lembrada nos inúmeros convívios/almoços que os vários mancebos dos diferentes anos continuam a realizar anualmente.

Nestes convívios assegura-se a memória colectiva das sortes no tempo e no espaço, recordando os tempos passados:

*«A função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado colectivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem. Considera-se, então, que a memória colectiva é o ponto de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço.»<sup>16</sup>*

Estes relatos do passado também contribuem para a afirmação da identidade do grupo dos rapazes que nasceu no mesmo ano «a afirmação da identidade precisa de narrativas sobre o passado para estabelecer a continuidade dos grupos e o sentido do dever colectivo.»<sup>17</sup>

Em 2007 a Associação para a Defesa do Património Etnográfico e Cultural da Glória do Ribatejo, organizou no Museu Etnográfico a exposição “Quando “eles” estavam lá fora. Memórias da Ultramar na Glória do Ribatejo”, conseguiu reunir e expor ao público um conjunto de fotografias, trajes e objectos que evocam as particularidades das sortes e do serviço militar na Glória do Ribatejo.

Este material recolhido é um excelente repositório para compreender e sobretudo legar às camadas mais jovens o que era a celebração das sortes na Glória do Ribatejo. O Museu também aqui desempenha a função da evocação da memória colectiva deste ritual das sortes.

<sup>16</sup> Elsa Peralta, *Abordagens teóricas aos estudos da memória social: uma resenha crítica*, In Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória. Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007

<sup>17</sup> *Idem*, p. 31



## | Bibliografia

- GARCIA, Idalina Serrão, *"O Falar da Glória do Ribatejo"*, Santarém, Assembleia Distrital de Santarém, 1979
- JOÃO, Maria Isabel, *Memória, História e Educação*, In *Noroeste. Revista de História*, n.º1, Universidade do Minho, 2005
- JOÃO, Maria Isabel, *Memória e Império*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *A romaria de São Bartolomeu do Mar*, In *Festividades Cíclicas em Portugal*, 2.ª Edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995
- PERALTA, Elsa, *Abordagens teóricas aos estudos da memória social: uma resenha crítica*, In *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*. Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007
- REDOL, Alves, *Glória, uma aldeia do Ribatejo*, 3.ª Edição, Lisboa, Caminho, 2004
- RIBEIRO, Margarida, *Estudos sobre Glória do Ribatejo*, s.l., Edição da Associação para a Defesa do Património Etnográfico e Cultural da Glória do Ribatejo, 2001

## Entrevistas:

- Sr. Manuel José Caneira (entrevista a 20-06-2016)

## Fotografias:

Créditos Fotográficos da Associação para a Defesa do Património Etnográfico e Cultural da Glória do Ribatejo (ADPEC)

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»

## | ANEXOS



Foto 1 - grupo das sortes do ano 1960, no primeiro rapaz no lado esquerdo em baixo é visível a verdasca que vai ser legada ao rapaz mais velho das sortes do próximo, sendo ainda visível as fitas nos braços. Crédito fotográfico: ADPEC



Foto 2 - Grupo das sortes do ano 1964, nesta fotografia destaca-se ao acordeonista "Ti Manel Ceguinho" que durante décadas acompanhou as sortes dos rapazes da Glória do Ribatejo. Crédito fotográfico: ADPEC

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»



Foto 3 - Grupo das sortes do ano 1964. Banho colectivo na Barragem de Magos. Crédito fotográfico: ADPEC



Foto 4 - Baile dos mancebos de 1976, Crédito fotográfico: ADPEC

«A festa das sortes - Análise e estudo dos aspectos históricos e etnográficos desta cerimónia na Glória do Ribatejo»



Foto 5 e 6 - Traje da mulher gloriana quando os namorados/ maridos estavam na Ultramar, repare-se nos vestidos que tem uma cor mais escura: Crédito fotográfico: ADPEC